

## **CONTEMPLAÇÃO DO MISTÉRIO E PRÁTICA DA JUSTIÇA (a harmoniosa síntese de Dom Helder Camara entre mística e ação)**

Maria Clara Lucchetti Bingemer \*

Queria começar recordando a conhecida e profética frase de K. Rahner: "O cristão do futuro ou será um místico ou não será cristão". A palavra místico, mística, mistério, às vezes soa como algo estranho, hermético, secreto, proibido e interdito a não iniciados. A definição mesma que de mística nos dá o dicionário, sobretudo os dados da etimologia da palavra "mística" poderia apontar nessa direção em uma primeira e apressada leitura: *substv. do lat. (theologia) mystica '(teologia) mística, conhecimento místico de Deus', fem. do adj. mysticus, a, um (gr. mustikós) 'relativo aos mistérios', do verbo gr. múó 'fechar, calar-se, fechar a boca ou os olhos'; ver <sup>1</sup>mist-; f.hist. 1662 mystica, 1789 mistica, 1858 mística.*

Ao falar em mística, pensamos em claustros, monges, silêncio, olhos fechados, baixos, lábios cerrados, ambiente sagrado onde se anda na ponta dos pés, longe do mundanal ruído. Essa é a definição que nos alude imediatamente ao falar de mística. E sem dúvida é inegável a riqueza que tudo isso trouxe à vida da Igreja e da sociedade. A vida contemplativa é sem sombra de dúvida uma riqueza inestimável que pertence ao repositório do cristianismo, assim como de muitas outras religiões que tem também suas escolas de monaquismo, muitas delas em profundo diálogo com o monaquismo cristão. Thomas Merton, o grande monge norte americano, não nos deixa mentir, pioneiro que foi no diálogo com o budismo. E haveria muitos exemplos a citar.

No entanto, hoje, aqui e agora, a figura que temos diante dos olhos é esse bispo nordestino, magro, franzino que passou a vida falando, agindo, movendo-se, arriscando-se por terrenos novos e movediços, entrando em temas não muito bem vistos para clérigos e eclesiásticos por sua secularidade, tais como a pobreza, a injustiça social, os meios de comunicação, a cultura. E, no entanto, começamos essa reflexão com a profunda convicção que estamos diante de um místico. E de grande

---

\* Teóloga, professora do Departamento de Teologia da PUC-Rio e Decana do Centro de Teologia e Ciências Humanas da mesma Universidade.

estatura. Um místico de gigantescas proporções, talvez um dos maiores que o cristianismo tenha produzido no conturbado século XX, muitas vezes definido como o "século sem Deus".

Por isso, importa nos perguntarmos: em que sentido Dom Helder pode ser considerado um místico? Em que sentido se enquadra ele na definição de místico que temos em nós e no fundo de nós? Mais: até que ponto sua mística é autenticamente mística? E até que ponto traz algo de novo para a compreensão mesma que temos de mística?

### **Uma "mística de olhos abertos"**

O grande teólogo alemão contemporâneo, Johann-Baptist Metz acredita ser a mística que se revela no judeu-cristianismo uma "*mística de olhos abertos*". Diz ele:

A experiência de Deus inspirada biblicamente não é uma mística de olhos fechados, mas sim uma *mística de olhos abertos*; não é uma percepção relacionada unicamente conosco mesmos, mas sim uma percepção intensificada do sofrimento alheio. <sup>1</sup>

A experiência mística, assim, não consiste tanto em ter visões extraordinárias, como em ter *uma visão nova de toda a realidade*, descobrindo a Deus como sua última verdade, como seu fundamento vivo, atuante e sempre novo.

O "*místico de olhos fechados*" vive com uma inusitada profundidade e consciência, a viagem sem fim do encontro com Deus que cada um inicia desde primeiro dia da existência. Sair de suas mãos, e entrar no espaço e tempo da vida e do mundo, não foi uma despedida, mas pelo contrário, o começo de um encontro que já não tem fronteiras. Fecham-se os olhos para viver a intimidade povoada pelo mistério inesgotável de um Deus voltado para nós. Esta mística foi muito bem refletida e desenvolvida em todas suas etapas por grandes mestres da vida espiritual como Santa Teresa de Jesus e São João da Cruz.

Por outro lado, o "*místico de olhos abertos*", abre bem os olhos para perceber toda a realidade, porque sabe que a última dimensão de todo o real está habitada por alguém, por Deus. Relaciona-se com o mundo,

---

<sup>1</sup> METZ, J.B. "O clamor da terra". In *O problema dramático da teodiceia*. Estella, 1996. p.26.

dando-se conta dos sinais de Deus que enchem toda a Criação com sua ação incessante, com sua fascinante criatividade sem fim. A paixão de sua vida é olhar contemplativamente e não se cansa de contemplar a vida porque busca nela o rosto de Deus. Mergulha nas situações humanas, dilaceradas ou felizes, procurando essa presença de Deus que atua dando vida e liberdade. Já a escolástica e a Teologia Clássica afirmam que a mística é "*Fides occulata*", uma fé dotada de olhos, uma fé iluminada porque pode ver a realidade à luz de Deus.<sup>2</sup>

A mística cristã, portanto, se contempla Deus, só pode e só tem possibilidade de contemplá-lo pelo caminho da alteridade do outro. O rosto do outro, do próximo é o único caminho que faz com que o Deus contemplado não seja uma projeção enganosa, uma fantasia alienante que afasta da realidade que clama por justiça.

É assim que o Deus da Bíblia desde os primórdios da trajetória do povo de Israel vai se revelar como o *go'el*, o defensor, o porta-voz do órfão, da viúva, do estrangeiro, do pobre, enfim, de todo aquele que não tem quem fale por ele, por ela. Mística e ética estarão desde aí para sempre unidas e reunidas na fé bíblica. E não haverá possibilidade de se viver uma sem a outra. Pois Deus fala pela boca dos profetas dizendo que vomita de sua boca os sacrifícios de novilhos gordos oferecidos a expensas da exploração do pobre e da injustiça cometida à socapa nos palácios suntuosos.

No Novo Testamento, Jesus de Nazaré, em quem a primeira comunidade reconheceu o Cristo de Deus, levará esta regra de ouro até as últimas consequências. Em meio a sua relação de amorosa e filial confiança com o Pai, Jesus vê à sua volta as pessoas excluídas, pobres, pecadoras, doentes. Em suma, os últimos de todas as categorias não escapam a seu olhar compassivo, que sabe ver e sentir de maneira nova. Recria o olhar, recriando ao mesmo tempo a vida das pessoas em quem pousa seus olhos e que, vendo-se refletidas no espelho vital de seus olhos, redescobrem-se filhas, irmãs, seres humanos com nova dignidade. O olhar verdadeiro sobre a realidade tem que ser capaz de medir-se com o pobre, o doente, o marginalizado. Aí reside a prova da conversão, do amor a Deus e do

---

<sup>2</sup> PANIKKAR, R. *Da Mística*. Experiência plena da vida. Herder, 2005, pag.53.

respeito ao outro, do desejo de servir a ambos, coração da verdadeira mística.<sup>3</sup>

E o evangelho de Mateus, no capítulo 25, dirá que o valor da vida humana não é medido pelo encontro com os primeiros, os mais ricos, os mais famosos como habitualmente se pensa. Mas a medida é o valor e a atenção prestada aos últimos, aos menores. Aí é que se afina o olhar místico, que percebe já agora o mistério que no juízo escatológico verá com absoluta nitidez: “Quando te vimos, Senhor?” (Mt 25, 39) “No menor dos meus irmãos, era eu que habitava, foi a mim que fizestes.” (Mt 25, 40b)

---

<sup>3</sup> MARTY, F. *Sentir et goûter*. Os sens dans os Exercices Spirituels de Saint Ignace. Du Cerf, Paris, 2005, p. 294.

## O caminho da experiência do outro

Portanto, se algo se pode dizer da mística, certamente passa pelo caminho da experiência. Não se trata de uma teoria sobre o outro, nem muito menos de um discurso construído e rigoroso sobre o outro. Tudo que possa haver de discurso e teoria neste particular emerge e se faz inteligível a partir de uma experiência<sup>4</sup>. Esta experiência é fundamentalmente experiência de relação. Neste sentido e somente à luz deste fato primeiro, é que se pode falar então de conhecer e conhecimento<sup>5</sup>. A mística é, sim, um conhecimento, porém um conhecimento que advém da experiência e onde a inteligência e o intelecto entram apenas no sentido de compreender não a experiência abstratamente falando, mas o sujeito concreto que faz essa experiência<sup>6</sup>.

No centro desta experiência, está não apenas o sujeito que conhece, ou seja, o **eu**, mas o **outro**, ou seja, o tu ou ainda o ele ou ela. Aquele ou aquela que por sua alteridade e diferença movem o eu em direção a uma jornada de conhecimento sem caminhos previamente traçados e sem seguranças outras do que a aventura da descoberta progressiva daquilo que algo ou alguém que não sou eu pode trazer. Esse ou essa que não é eu, também não é isso (algo coisificado ou reificado)<sup>7</sup> e sim, alguém que a mim se dirige, que me fala e a quem respondo, um "outro" sujeito, cuja diferença a mim se impõe como uma epifania<sup>8</sup>, uma revelação.

---

<sup>4</sup> Entendemos por experiência, e concretamente por experiência religiosa, aquilo que se percebe de modo imediato e se vive antes de toda análise e de toda formulação conceitual. Trata-se da vivência concreta do homem que se encontra, graças a uma força que não controla ou manipula, frente a um mistério ou um poder misterioso. Cf. sobre isso *Diccionario de las Religiones*, Barcelona, Herder, 1987, verb. *experiencia cristiana e experiencia religiosa*. V. tb. MOLTSMANN, J. *The Trinity and the Kingdom of God*, London, SCM Press, 1981, pg 4 e BOFF, L. (org) *Experimentar Deus hoje*, Petrópolis, Vozes, 1975, especialmente o capítulo escrito pelo Pe. H.L. VAZ.

<sup>5</sup> Cf. o sentido de *conhecer* bíblico, que é inseparável de *amar*. Cf. J. MOLTSMANN, op. cit. pg 9.

<sup>6</sup> Cf. sobre isso o que diz Santo Tomás de Aquino: "*Non intellectus intelligit sed homo per intellectum* " Ou seja, é o homem concreto na sua polivalência intencional que é o sujeito do ato de abrir-se ao seu objeto, movimento que caracteriza a experiência. Abrindo-se, esse homem torna-se capaz de acolher o ser na riqueza analógica de sua absoluta universalidade. *Summa Theologiae* 1a., q. 72 ad 1m, cit. por VAZ, H.L. *Mística e política. A experiência mística na tradição ocidental*, in BINGEMER, M.C. e BARTHOLO, R.S. (org.) *Mística e Política*, Col. Seminários Especiais Centro João XXIII, SP, Loyola, 1994, pg 10. Cf. tb. VAZ, H.L. *Antropologia Filosófica II*, Col. Filosofia, SP, Loyola, 1992, pg 37, n. 8.

<sup>7</sup> Cf. BUBER, M. *Eu e Tu*, SP, Moraes, 1977, 2a. ed., pp XLV- LI.

<sup>8</sup> Cf. E. LEVINAS e todo o seu discurso sobre a alteridade. V. notadamente a obra *Autrement qu'être ou au-delà de l'essence*, Paris, Folio, 1996.

No caso da mística, essa relacionalidade com a diferença do outro cobra dimensões diferenciadas na medida em que coloca no processo e movimento da relação um parceiro de dimensões absolutas, com o qual o ser humano não pode sequer cogitar em fazer número, manter relações simétricas ou relacionar-se em termos de necessidade, senão apenas de desejo<sup>9</sup>. Trata-se de um Outro cujo perfil misterioso desenha-se sobretudo nas situações limite da existência e transforma radicalmente a vida daquele ou daquela que se vê implicado/a nesta experiência<sup>10</sup>.

Definida pela teologia clássica como "*cognitio Dei experimentalis*" ou por tomistas do porte de J. Maritain como "*experiência frutiva do absoluto*"<sup>11</sup> a mística hoje parece voltar ao proscênio do debate teológico. Mais do que da história e das escolas de espiritualidade, ou mesmo da ascética e da mística e seu estudo sistematizado, enquanto áreas e disciplinas da teologia ou da espiritualidade, queremos falar da busca e da sede pela experiência, pelo experimentar. Sede essa que sempre acompanhou o ser humano em seu caminhar histórico, mas cujo recrudescer atual teria sua raiz, a nosso ver, na assim chamada crise da modernidade ou advento da fragmentada pós-modernidade, assim também como no movimento de ressacralização mais ou menos apressado e anárquico do mesmo mundo do qual a razão moderna apressou-se em proclamar o desencantamento e a secularidade sem remissão.<sup>12</sup>

O Pe. Henrique de Lima Vaz, em excelente texto por nós já citado aqui, expressa essa interrogação que nossos tempos trazem quanto à questão da mística:

Saberá o homem do século XXI, atravessado que for o deserto do niilismo, reinventar um novo dia histórico, iluminado pelo sol da Transcendência e no qual a autêntica experiência mística possa de novo florescer reconhecida como o bem mais precioso de uma civilização? Suponho que serão muito poucos os que se fazem hoje esta pergunta. Mas não encontro outra maneira de terminar esta exposição senão formulando-a com a secreta esperança de que para

---

<sup>9</sup> V. o que sobre isso digo em meu livro *Alteridade e vulnerabilidade. Experiência de Deus e pluralismo religioso no moderno em crise*, SP, Loyola, 1993 especialmente no capítulo IV: "Experiência de Deus. Possibilidade de um perfil?"

<sup>10</sup> Cf. VAZ, H.L., op. cit., pp 11-12

<sup>11</sup> V. "L'expérience mystique naturelle et le vide", in *Oeuvres* (1912-1939), Éd. H. BARS, Paris, Desclée, 1975, pp 1125-1158, cit. por VAZ, H.L., op. cit., pg 12, n. 4.

<sup>12</sup> Cf. sobre isso a reflexão que faço na parte final do livro *Mística e política*, citado supra, n.3, pp 287-288.

ela esteja sendo gerado, nas entranhas da história que há de vir, um radioso sim.<sup>13</sup>

Ousamos responder à interpelação lançada pelo Pe. Vaz dizendo que, à primeira vista, este “sim” parece estar se delineando no horizonte de nossa história contemporânea. A sede do sagrado, a sede pelo mistério e pela mística em distintas formas, aparecendo após o “banimento” ensaiado pela secularização e anunciado aos quatro ventos pelos mestres da suspeita, denota um aparentemente novo emergir de valores como a gratuidade, a oração, trazendo à baila critérios de verificação tais como o desejo, o sentimento e a re-descoberta em nova dimensão da natureza e da relação do homem com o planeta.<sup>14</sup>

A questão que nos fica após esta constatação, é, no entanto, que não é nada claro que essa busca quase feroz de nossos contemporâneos por experiências místicas corresponda a uma real busca por um encontro em profundidade, por um dispor-se a ser afetado pela alteridade do outro. A busca por sensações mais ou menos religiosas ou “espirituais” não necessariamente implica desejo de abrir-se à experiência da alteridade, e pode não deixar brechas ou espaços para que a alteridade e a diferença do outro, epifanicamente, se manifestem em toda a sua liberdade, inventando a relação a cada suspiro e a cada passo.

Parece-nos, portanto, que a mística cristã hoje se vê a braços com a questão por sua identidade, às vezes perdida e fragmentada no meio de um mar de experiências religiosas outras, que não necessariamente passam pela Alteridade a qual, em sua absoluta liberdade, revela-se como Santidade, ou seja, Alteridade absolutamente outra<sup>15</sup>. Se muito facilmente chamamos de experiência mística a toda e qualquer busca de sensação “espiritual” conseguida às vezes com recursos artificiais, outros que não a relação que se instaura e se aprofunda unicamente na gratuidade, na

---

<sup>13</sup> Cf. VAZ, H.L., op. cit. pg 63

<sup>14</sup> Cf. BINGEMER, M.C. “Novos horizontes para a contemplação e a práxis”, in *Mística e Política*, p. 288.

<sup>15</sup> Cf o significado bíblico de Santo atribuído a Deus: Santo é o separado, o diferente, aquele que não se soma com nada nem com ninguém, o totalmente outro. Cf. o que diz ARMSTRONG, K. *Uma história de Deus*, SP, Companhia das Letras, 1994, pg 52: “O hebraico *kaddosh* nada tem a ver com a moralidade enquanto tal, mas significa a condição de “outro” uma separação radical. A aparição de Javé no monte Sinais enfatizara o imenso fosso que de repente se escancarava entre o homem e o mundo divino. Agora os serafins gritavam: “Javé é outro! Outro! Outro!” (Isaías 6,3).”

escuta e no desejo, estaremos traindo a concepção mesma de mística que até hoje tem marcado toda a tradição ocidental e que está no coração da identidade daquilo que por isto se tem entendido e se entende.

O caminho da relação com o outro - e no caso da mística, do Outro que é Deus - é constitutivo mesmo da experiência mística. E, no caso da mística cristã, esse outro, essa alteridade, tem o componente antropológico no centro de sua identidade, uma vez que o Deus experimentado se fez carne e mostrou um rosto humano. Tudo que releva da experiência mística, portanto, não pode desviar ou abstrair ou mesmo dis-trair daquilo que constitui a humanidade do ser humano. É paradoxalmente na similitude mais profunda com o humano que o Deus da revelação cristã vai mostrar sua diferença e sua alteridade absolutamente transcendentais.

A mística cristã nos tempos atuais, portanto, como em outros tempos, está mais do que nunca desafiada, para re-descobrir seu lugar e seus caminhos, a olhar para o humano como via necessária para o divino. E perguntar-se: que caminhos nos apontam as diferenças que hoje emergem com força interpelante quando se fala do humano?

A figura dos místicos contemporâneos certamente aponta caminhos sempre novos. Com Dom Helder Camara é assim. Poderíamos aqui abrir o seminário que se deterá sobre sua pessoa, sua mística e sua obra por várias entradas. Mas escolhemos aquela que nos parece ser a que mais o caracteriza. A contribuição que mais o caracterizou e que constituiu seu mais precioso legado para a Igreja e a Sociedade de seu tempo.

### **O caminho da pobreza do outro**

Muitos se amedrontam com essa volta da mística ao proscênio teológico, temendo que se trate de um abandono do primado que a práxis transformadora da realidade havia proposto em termos de compromisso entranhado na história. Muitos temem que se trate, na verdade, do perigo da alienação que volta a rondar o Cristianismo, desencantado pela queda dos paradigmas - inclusive políticos - que observa à sua volta, e cansado de derrotas neste mesmo campo. Cremos que o entrelaçamento de mística e política, de mística e ação transformadora é possível, sim.

Creemos - mais ainda - que ambas podem ter lugar simultaneamente, desde que encontrem seu correto ponto de intersecção. A práxis social e política da justiça pode inclusive ser espaço e alimento para uma autêntica experiência mística..

É coisa sabida que o tema da mística da ação, da espiritualidade estreitamente vinculada a uma ação transformadora, que incida sobre a polis, intimamente relacionado com o tema mística e política, está presente desde o início na teologia da libertação, com o livro já clássico e pioneiro de Gustavo Gutiérrez, no início dos anos 70.<sup>16</sup> Mas antes disso, já está presente na ação e nas palavras do fransino padre Helder, cearense que veio para o Rio de Janeiro, foi bispo auxiliar desta cidade e teve aqui uma ação inesquecível, sendo depois ordinário da sé de Recife. Aquilo que a teologia da libertação tematizará, Dom Helder já o dizia - e o vivia, sobretudo - de muitas maneiras. A experiência espiritual cristã nasce do encontro com o Senhor no rosto do pobre. A prática que daí resulta é uma prática que passa a ter como único objetivo a construção do Reino de Deus. É uma prática, porém, que além de se originar da mais autêntica experiência mística, desenvolve, alimenta e faz crescer esta mesma experiência na medida em que se faz presente no mundo. E num mundo atravessado pela injustiça de todo tipo, quebrado pelo conflito.

A espiritualidade, a mística, portanto, será uma atitude alerta, vigilante, de olhos abertos para ver, ler, entender a realidade, e transformá-la segundo o Espírito de Deus. Trata-se de uma forma concreta, movida pelo Espírito, de viver o Evangelho. Maneira precisa de viver "diante do Senhor" em solidariedade com todos os homens, sobretudo os mais pobres e oprimidos.<sup>17</sup>

---

<sup>16</sup> Cf. GUTIÉRREZ, G. *Teologia da Libertação*, Petrópolis, Vozes, 1975. V. tb CASALDÁLIGA, P. e VIGIL, J.M. *Espiritualidade da Libertação*, Petrópolis, Vozes, 1993, 2a. edição, especialmente a seção "Constantes da Espiritualidade da Libertação", pp 228 ss.

<sup>17</sup> Cf. GUTIERREZ, G., *Beber no próprio poço*, Petrópolis, Vozes, 1984, pp 107 ss.

É possível, portanto, afirmar que a mística pode encontrar sua origem e seu ambiente na interpelação feita pela pobreza do outro e pela compaixão que ela origina. Todo este movimento não é apenas ético, mas também místico, uma vez que na Revelação bíblica e no Cristianismo, ambas as coisas não se dissociam.

Começamos e encontramos os fundamentos no próprio Deus que, na Revelação ao Povo de Israel, se mostra como Palavra atuante e eficaz, que faz o que diz e faz fazer, que age sobre o homem e a realidade, que "trabalha" incessantemente sobre a criação, com o único intento de trazê-la de volta à sua comunhão de amor; continuando com o Verbo Encarnado, Jesus de Nazaré, que no Evangelho afirma: "Meu Pai trabalha sempre e eu também trabalho" (Jo 5,17); o Deus da fé cristã é Alguém que não cessa de trabalhar e agir. E sua práxis tem como destinatário o ser humano, o qual, por sua vez, recebe e coopera ativamente com essa práxis divina que "acontece" no meio do mundo.

Se toda práxis humana é resultante e correspondente da práxis divina, a práxis social e política não fugiria a esta regra. Como toda práxis humana, certamente, submetida a alguns critérios, a práxis política pode ser, e efetivamente o é muitas vezes, o mistério de uma saída de si que não deixa de ser um êxtase, um mergulhar no outro, em sua realidade desfigurada e sofrida, identificando-se com ela, solidarizando-se, comungando com ela para denunciá-la e possibilitar sua transformação. Se os êxtases dos místicos reconhecidos pela religião oficial são, com grande justeza, não ressaltados como os mais importantes critérios para o reconhecimento da autenticidade de suas experiências, por outro lado, as obras concretas que acompanham e/ou se seguem a estes êxtases são, certamente, denotativas de sua maior ou menor autenticidade.

A vida do místico é, portanto, um êxodo permanente: em direção à alteridade de Deus que o inspira e o enche de gozo e enlevo, e, em direção à alteridade do próximo, a quem serve sempre mais, sob a inspiração desse mesmo Deus. A experiência de Deus está longe, portanto, de ser um fruir impune das delícias e maravilhas da contemplação dos mistérios eternos, mas é, antes de mais nada e ao cabo de tudo, envio ao mundo, e um assumir da própria responsabilidade em relação àqueles e àquelas que, desde o seio da realidade desfigurada e injusta, clamam por justiça e

compaixão. Se a palavra mística encontra sua raiz em mistério, e se a experiência mística significa, em suma, experiência de intimidade com o mistério, trata-se não apenas do mistério de alteridade que brilha desde o fundo da realidade ao mesmo tempo em que a transcende, mas também de um mistério de responsabilidade no qual uns são responsáveis por outros, experimentam em sua carne as consequências e o peso de um mal que não praticaram e são gratuitamente feitos cooperadores da economia de uma redenção que não inventaram e à qual não presidem.

Se a mística é união com o mistério divino, para o cristianismo - e também para as outras religiões - certamente esse divino não se encontra "fora" das coisas deste mundo. Pelo contrário, é mergulhando mais profundamente nas coisas, em todas as coisas, que poderemos encontrar o mistério de nossa criação, a transcendência que desejamos e da qual temos sede, que nos ultrapassa e ao mesmo tempo se faz próxima desde o seio mesmo da realidade.

É aí que mística e política mostram mais claramente sua possibilidade de intersecção. Pois, se Deus, o sujeito maior da mística, se deixa encontrar em todas as coisas; se no mundo, neste mundo tal como ele é, é possível experimentar sua presença inefável, então o agir humano neste mundo está definitivamente "consagrado" e é parte integrante da esfera do sagrado e do divino. E isso dentro mesmo de sua condição de profano e secular, e não abdicando ou escapando dela.

O Deus que age e trabalha no mundo é condição de possibilidade e mola propulsora da práxis do ser humano. Experimentado em seu mistério, esse Deus suscitará por parte do ser humano um agir que não será mais dele, mas indissoluvelmente entrelaçado num só movimento com o agir de Deus. Encontrar a Deus será, assim, encontrar ao mesmo tempo o mundo e os outros, e contemplar a Deus será sinônimo de fazer acontecer no meio da realidade, com todas as suas ambiguidades e problemas, o Reino de Deus.

Resta-nos perguntar o que vem primeiro ou se uma coisa é consequência da outra. Ou seja, para que a mística e a contemplação estejam re-valorizadas e se tornem temas de primeira grandeza, é necessário que tudo aquilo que forma o mundo do fazer e do agir, da eficácia transformadora, da intervenção consciente e articulada na realidade

haja perdido seu interesse e credibilidade? Em outras palavras, para entrar a fundo no mundo da mística é preciso renunciar à política ou ao político? Ou vice-versa: para optar pela vida na “polis”, no mundo, na cidade secular, é preciso voltar as costas para a mística que estaria fadada a tornar-se então assunto de alguns poucos especialistas, habitantes dos claustros, dos mosteiros ou de outras modalidades de organizações religiosas comunitárias explicitamente contemplativas?<sup>18</sup>

Não se levar a sério o que diz o místico Paulo de Tarso nos primórdios do Cristianismo: “Sois uma carta de Cristo, escrita não com tinta, mas com o Espírito Santo. Não em tábuas de pedra, mas em tábuas de carne que são os nossos corações” (2Cor 3,3). O Deus da fé cristã é alguém que trabalha. É Espírito que vai lavrando e esculpindo na realidade criatural uma nova realidade, uma nova gênese: a gênese da nova criação.<sup>19</sup>

O ser humano é o destinatário desta práxis. É aquele que, ao mesmo tempo recebe passivamente e coopera ativamente, na medida de suas forças e possibilidades com esta práxis divina, este trabalho incessante que pretende reconduzir todas as coisas à comunhão desejada e sonhada com o Criador. Toda práxis humana seria, pois, à luz da teologia cristã, resultante da práxis de Deus. E não apenas enquanto reflexo. É a própria práxis divina acontecendo dentro do mundo e da realidade na mediação da carne do homem. A práxis política não fugiria a esta regra.

A experiência da relação com Deus e mesmo de união com Ele no rosto do pobre; a experiência de padecer com aquele que sofre injustiça e opressão continua sendo, para a mística cristã hoje como sempre, via privilegiada de encontro com Aquele que “não se aferrou a sua igualdade com Deus, mas despojou-se e foi encontrado como um de tantos ... obediente até a morte de cruz” (cf. Fil 2,5-11). Tomar sobre si o peso e a dor da realidade em lugar do outro, em solidariedade com o outro, é não só esforço ascético e voluntarista, mas experiência mística, experiência de Deus das mais profundas e autênticas.

E foi, certamente, o norte que guiou a bússola da vida do bispo Helder Camara. Jamais descansou nem se calou diante do sofrimento do outro.

---

<sup>18</sup> Cf. a reflexão que fizemos sobre esta questão no já citado livro *Mística e Política*, pp 287 ss,

<sup>19</sup> Cf. sobre isso a bela reflexão que faz C. TRESMONTANT em *La mística cristiana y el porvenir del hombre*, Barcelona, Herder, 1980, especialmente o capítulo “La finalidad de la creación”, pg 46 ss

Sofreu as consequências disso. Prosseguiu, incansável, até sua morte. O mesmo homem que se levantava na madrugada para ouvir as estrelas através das quais seu Senhor lhe narrava seus mistérios, que escrevia belas orações poéticas nessas noites habitadas e iluminadas pela presença do Criador, era o que caminhava descalço pelas favelas do Recife, o que enfrentava prefeitos e governadores para plantar na zona sul do Rio de Janeiro um conjunto habitacional para os pobres viverem decentemente, o que organizava campanhas em favor dos flagelados pela ruptura do açude de Orós, o que fazia exaustivas viagens mundo afora pregando em favor da paz e do desarmamento.

### **Conclusão: A Alteridade Encarnada**

De tudo que por nós foi dito até agora, e que apenas roça muito frágil e levemente o problema na sua grandeza incomensurável, permanece uma convicção profunda e central: a experiência mística cristã é experiência de alteridade. Uma alteridade onde antropologia e teologia estão unidas indissociavelmente. Portanto, uma experiência que não imobiliza na contemplação que fecha os olhos mas que os abre e mobiliza o corpo para o serviço aos mais pobres e indigentes.

Não se trata apenas de uma experiência do transcendente pura e simplesmente, ou algo que desloque o ser humano do chão de sua realidade em direção a um plano sobrenatural ou a um nirvana situado alhures, num espaço que não se sabe bem qual é, para onde se vai em busca de sensações e esperando pelo cessar de todas as preocupações ligadas à realidade e à espessura da humanidade.

A experiência mística no cristianismo é a experiência de um Deus encarnado. Fora deste dado central e absolutamente necessário, não há Cristianismo.<sup>20</sup> Não havendo encarnação, não há a possibilidade de Deus assumir todas as coisas por dentro e viver a história passo a passo, por assim dizer “na contramão” de sua eternidade. Não havendo encarnação,

---

<sup>20</sup> Cf. o que diz o *Diccionario de las Religiones*\_ verb “encarnación”. O significado da palavra encarnação é “entrar dentro da carne”

não há cruz, não há redenção, não há salvação. Não há, portanto, aliança entre a carne e o Espírito.<sup>21</sup>

Certamente é esta a contribuição maior que a mística cristã tem a dar hoje em tempos de ressacralização, busca de transcendência e novos paradigmas inclusive para a espiritualidade. Nada do que é humano é estranho à mística cristã e toda nova descoberta e toda nova ênfase em termos de humanidade vêm não ameaçar a mística cristã, mas pelo contrário, alimentá-la, nutri-la, fazê-la mais de acordo ao sonho de Deus Pai, Filho, e Espírito Santo, que a tudo e a todos deseja cristificar e santificar por sua práxis santificadora que preside a história e trabalha por dentro a carne do mundo.

Toda tentativa, pelo contrário, de escapar disto, é tentação que descaracteriza a mística cristã, em sua personalidade, em sua configuração trinitária, em sua dinâmica histórica e encarnatória.

Confessar com a boca e o coração que o Verbo se fez carne e o Espírito foi derramado sobre toda carne implica buscar a experiência e a união com o Deus que assim determina comunicar-se com a humanidade através desta carne na qual é possível experimentá-Lo. E esta carne é a carne do "outro" que sofre opressão e injustiça e cujo rosto revela o Deus que se constituiu desde sempre em seu defensor e advogado. Integrar a carne do outro na experiência mais inefável do amor divino é o grande desafio que, hoje como sempre, está posto à mística cristã. Testemunhas e mestres como Dom Helder Camara, graças a Deus, não nos permitem esquecer esse fato fundamental.

---

<sup>21</sup> V. as advertências que sobre isso faz o documento "Instruções sobre a meditação cristã", da Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé, de 1989.